

Reflexões sobre o ensino de paleografia: em busca de um método de leitura de textos

Leonardo Marcotulio
(UFRJ/LabEFil/FAPERJ)

O interesse pela paleografia vem crescendo de forma significativa na cidade do Rio de Janeiro, o que se traduz pela grande oferta de oficinas durante o ano de 2019. A busca por um espaço para a prática paleográfica se justifica pelo elevado número de pesquisadores e profissionais de instituições como arquivos e bibliotecas que buscam auxílio para a leitura da documentação escrita. Soma-se a esse fato a escassa formação acadêmica especializada na área, já que a disciplina de Paleografia, antes obrigatória nos cursos de Arquivologia e História, passa a ter caráter de optativa, sendo oferecida com menos frequência na graduação. Assim, as oficinas desempenham um papel fundamental, responsável por complementar o ensino formal de paleografia. No âmbito do Laboratório de Estudos Filológicos (LabEFil), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em função de uma demanda sinalizada por estudantes da Faculdade de Letras, decidimos oferecer, no segundo semestre deste ano, uma oficina de paleografia. Como formatá-la? Que recorte de textos utilizar? Como ler os textos? Como elaborar materiais didáticos? Nesta fala, compartilho as reflexões iniciais que nos acompanharam durante a preparação da "Oficina de Paleografia e Edição de Textos" (PalETe), com especial destaque à proposta de um método de leitura. Diante de um conjunto heterogêneo de textos da documentação remanescente, englobando tanto os de leitura imediata quanto os de difícil leitura, elaboramos um procedimento sequencial de leitura, apoiado em níveis de natureza diversa, como paleográfico, linguístico, textual e contextual.